

Introdução

O trabalho pretende abordar o poder na obra de Michel Foucault. O filósofo se deteve nessa questão durante um grande período de sua vida.

Costuma-se separar sua obra em três fases: a primeira se refere ao *saber*, a segunda ao *poder* e a terceira aos *modos de subjetivação*. Embora esta divisão seja um tanto simplória, ela permite estabelecer três tipos de abordagem, que não se excluem, mas que permitem cada qual estudar as maneiras pela qual o ser humano se tornou sujeito na modernidade.

Não há, portanto, nenhum livro específico no qual Foucault pretendeu analisar o poder em si mesmo, como uma entidade abstrata. O poder, para o filósofo, se refere às práticas que estabeleceram essas objetivações do ser humano. A analítica do poder é, portanto, um método de investigação.

Os trabalhos publicados por Michel Foucault sobre este tema, que tiveram por finalidade um formato de livro, são “Vigiar e Punir” e “História da Sexualidade: a vontade de saber”. Porém, são várias as aulas transcritas, palestras, entrevistas e artigos nos quais o filósofo aborda a questão.

Todavia, a presente dissertação não seguirá necessariamente a ordem cronológica do trabalho de Foucault. Os trechos de sua obra poderão muito bem ser contextualizados pela referência bibliográfica e certamente se levará em consideração o percurso seguido pelo filósofo na construção de seu pensamento.

A perspectiva de Foucault é histórica, filosófica e política, embora o autor sempre tenha refutado um rótulo sobre sua pessoa e sua obra. De fato, é muito difícil situar e resumir seu pensamento a um domínio específico do conhecimento. Foucault faz história, mas não à maneira dos historiadores. Ele diz ter plena consciência da “imparcialidade” de sua obra. Mas isso não quer dizer que não exista precisão e “boa fé” em sua volumosa pesquisa de documentos históricos. Para o filósofo, sua história é do *presente*, a genealogia do indivíduo moderno: a partir de quais processos históricos viemos a nos tornar o que somos hoje?

Iniciaremos o trabalho a partir de noções gerais do poder em Foucault: suas implicações conceituais e de método. Foucault não concebe o poder como

propriedade ou faculdade do ser humano, mas sim, como a própria ação, no ponto em que ela vem atingir os indivíduos.

Tal concepção tem como princípio de inteligibilidade a guerra, as relações de força. Para o filósofo, a abordagem tradicional do poder refere-se aos seus limites de direito. São discursos elaborados em torno da figura do rei, da soberania. O objetivo de Foucault, por outro lado, é traçar um campo de forças, localizar as estratégias adotadas pelo poder.

O segundo capítulo se refere ao poder soberano e à punição. A soberania tem como princípio preservar ela própria. As ilegalidades e os crimes eram uma ameaça ao domínio do monarca sobre o território. O poder, no caso, se encerra na figura de uma pessoa. O que está em jogo é sua presença física, a soberania que só acaba com a morte. Há no poder soberano uma batalha entre o corpo do rei e do súdito. Quando o rei ganhava, a punição recebida era também uma exibição, uma marca. O objetivo era demonstrar o quanto a força do soberano era superior a força dos súditos.

A sociedade disciplinar trará consigo uma nova concepção do homem e da utilização de suas forças. Na questão das punições, o que se buscará defender agora é o corpo social. O infrator passa a ser agora o inimigo social e a pena também terá uma função menos de castigar do que de “recuperar”. A razão punitiva irá se modificar com a racionalidade moderna.

O terceiro capítulo é destinado ao *poder pastoral* exercido na cultura judaico-cristã. Ele é de grande importância pelo seu enfoque na subjetividade. A pressuposição de uma dimensão subjetiva, de uma alma que pode ser salva, é imprescindível para o poder pastoral e será mais tarde na modernidade.

O poder pastoral diz menos respeito à administração de um território, como no caso da soberania, do que a uma relação de governança. A função do pastor é inteiramente voltada à vida das ovelhas. Sua relação com elas é menos da ordem do enfrentamento do que do cuidado. Trata-se de uma *condução de condutas*.

A quarta parte diz respeito ao *biopoder*. O biopoder é destinado à gestão da vida, à majoração das forças sociais: desenvolvimento e controle dessas forças, seja pela repressão à desordem, seja, principalmente, pela capacidade de otimizá-las, de desenvolver as aptidões, de repartir os corpos pelo espaço, de trabalhá-los

detalhadamente. Aumentar as forças na educação, na saúde, no trabalho, na punição. O biopoder não estabelece permissões e proibições, mas um normal e um anormal. Seus critérios se apóiam em uma cientificidade: psiquiatria, criminologia, economia, sociologia, psicologia, medicina etc.

A forma social do biopoder na modernidade é a *sociedade disciplinar*: as instituições eram locais de grande intensidade de poder, pois a disciplina era assegurada pelo confinamento. Havia um acompanhamento constante de todas as etapas do cotidiano dos indivíduos.

Foucault, no entanto, morre em meados dos anos 80. O filósofo Gilles Deleuze irá propor uma nova forma social de expressão do biopoder: a *sociedade de controle*. Nesta, os mecanismos de poder se encontrariam disseminados pelo campo social. Os pontos de máxima eficácia ultrapassam o espaço físico das instituições. Deleuze propõe, então, um novo conceito: o controle. Para o filósofo, na sociedade disciplinar sempre se recomeça e termina de uma instituição à outra. Já na sociedade de controle, o homem se encontra *em órbita*.

Infelizmente, o artigo de jornal escrito por Deleuze se resume a poucas páginas. É rico em conceituação, mas apresenta pouco desenvolvimento das idéias propostas. Michel Hardt irá, dez anos mais tarde, articular o artigo de Deleuze com o pensamento de autores como ele mesmo e Antonio Negri, Fredric Jameson, entre outros. O último capítulo dessa dissertação pretenderá analisar e desenvolver aspectos do artigo de Deleuze, a partir das idéias do próprio Foucault e de Hardt e Negri, mas sempre em referência à analítica foucaultiana.

Este trabalho, como um todo, pretende ser, dentro de sua esfera própria, uma contribuição aos estudos do poder na contemporaneidade.